

Temor e fascínio: dimensão afetiva e representações sociais de ciganos entre população não cigana¹

Fear and fascination: affective dimension and social representations of gypsies among non-gypsy population

Mariana Bonomo²
Jéssica Maria Gomes de Faria³
Lídio de Souza⁴
Julia Alves Brasil⁵

RESUMO: Referenciado na Teoria das Representações Sociais, este trabalho objetivou investigar as representações sociais de ciganos entre não ciganos, bem como a dimensão afetiva a elas associada. Participaram do estudo, desenvolvido em duas etapas, universitários de instituições públicas e privadas da Grande Vitória-ES. No primeiro estudo (E1), os participantes responderam a um questionário estruturado (n=108), composto pelos seguintes núcleos de informação: evocações livres referentes ao termo 'ciganos', campo afetivo relacionado ao objeto de representação, níveis de contato com ciganos e dados socioeconômicos; e no segundo estudo (E2) foram realizadas entrevistas (n=09) com questões exploratórias acerca do conhecimento dos participantes sobre os ciganos, dos sentimentos a eles associados e das experiências de contato com este grupo étnico. Os dados de E1 foram tratados por meio do *software* SPAD-T, cuja análise indicou a formação de três *clusters* de sujeitos a partir da dimensão afetiva investigada: 'sentimentos positivos' (n=18), 'sentimentos negativos' (n=27) e 'ambíguos' (n=63). Na segunda etapa, foram entrevistados os sujeitos do *cluster* 'sentimentos positivos', e o tratamento dos dados foi realizado através do *software* ALCESTE e da Análise de Conteúdo. Os resultados permitem discutir que os indivíduos apresentaram variações nas representações acerca do objeto social 'ciganos'. A formação do campo representacional e de sua dimensão afetiva estiveram apoiados na imagem dos ciganos (a) como povo alegre, da dança e de roupas coloridas, que desperta sentimentos de curiosidade, encantamento e admiração, mas também (b) de um grupo que rouba e trapaceia, provocando insegurança, medo e mal-estar entre os não ciganos.

Palavras-chave: ciganos; dimensão afetiva; representação social.

ABSTRACT: Referenced in the Social Representations Theory, this research aimed at investigating the social representations of gypsies among non-gypsies and the affective dimension associated with these representations. Participated in this study, carried out in two stages, students from the metropolitan region of Vitória-ES. In a first study (E1) they answered to a structured questionnaire (n=108), consisted of the following information sets: free evocations bind to the term 'gypsy', affective field related to the object of representation, contact experiences with gypsies and socioeconomic data; and in a second study (E2) there were conducted interviews (n=09) with exploratory questions about the participants' knowledge regarding the gypsies, feelings directed to them and levels of contact with this ethnic group. Data from E1 were

¹ Apoio: CAPES; CNPq.

² Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – Espírito Santo, Brasil. E-mail: marianadalbo@gmail.com.

³ Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo – Espírito Santo, Brasil.

⁴ Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo; Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, da Universidade Federal do Espírito Santo - Espírito Santo, Brasil.

⁵ Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – Espírito Santo, Brasil.

processed by using the SPAD-T software, whose analysis indicated the formation of three clusters of subjects considering the affective dimension: positive feelings (n=18), negative feelings (n=27) and ambiguous (n=63). In the second stage, subjects from the 'positive feelings' cluster were interviewed, and data processing was performed by using ALCESTE software and Content Analysis. The results allow discussing that individuals had variations in the representations about the social object 'gypsies'. The formation of the representational field and its affective dimension were supported by the image of gypsies (a) as happy people, who dance and wear colorful clothes, which arouses feelings of curiosity, dazzlement and admiration, but also (b) of a group who steals and cheats, causing insecurity, fear and malaise among non-gypsies.

Keywords: gypsies; affective dimension; social representation.

Introdução

O sentido do passado histórico não é um dom solitário, é um fenômeno social. Cícero adverte: *“como tudo teria sido diferente (...) se eles tivessem sido vitoriosos diante da vida, esses que alcançaram a vitória na morte”*. Compartilhei essa derrota durante os anos de perseguição e guerra. E, talvez, até poderia continuar a manter um relativo silêncio se, após a queda do comunismo, não tivesse observado se multiplicarem as perseguições aos ciganos. Não tenho dúvida de que meu conhecimento e minha familiaridade, desde a infância, com a vida dos ciganos me obrigaram a redescobrir as perseguições e as humilhações, tudo que tanto gostaríamos de esquecer. E, vocês sabem, o que retorna do passado marca-nos e leva-nos a agir prontamente, na esperança de evitar eternas repetições de um mundo familiar (Moscovici, 2009, p. 654).

Apesar das inúmeras controvérsias acerca da origem do povo cigano, através da análise das línguas faladas pelas diversas etnias que constituem esta categoria, constatou-se grande similaridade com o *sânskrito*, reforçando a tese de que estes seriam originários da Índia. Partindo do território indiano, a diáspora cigana teria sido iniciada por volta de mil anos d.C., tendo as caravanas ciganas chegado ao Irã entre os séculos IX/X e a partir do Egito, Creta e Peloponeso chegaram ao ocidente e se dispersaram através de diferentes rotas (Lermo, Román, Marrodán & Mesa, 2006; Moonen, 2008). Embora os estudos linguísticos indiquem que os ciganos seriam oriundos da Índia, não se sabe ao certo a verdadeira origem dessa etnia - assim como quase tudo que está relacionado a eles. O termo *cigano* teria surgido na Europa Central no início do século XV, quando migravam por diferentes territórios afirmando que sua terra de origem era o “Pequeno Egito”, uma região da Grécia, mas que na época foi confundida com o Egito, na África (Moonen, 2012).

Ainda nas primícias da Modernidade, os ciganos “passaram a ser perseguidos e escoraçados por decreto” (Scholz, 2007, p. 2). Desde então, a história dos ciganos tem sido marcada por preconceito, perseguição, diáspora, escravidão e genocídio. Da escravidão que durou 400 anos na Romênia da Idade Média ao chamado “holocausto esquecido” na Alemanha nazista de Adolf Hitler no século XIX, período em que mais de meio milhão de ciganos foram assassinados nos campos de concentração, a força do imaginário associado a essa etnia, como “espelho em negativo da sociedade ocidental, sedentária e moderna” (Fazito, 2006, p. 691), alimenta ainda nos dias de hoje práticas de banimento e extermínio (Fonseca, 1996).

Conforme informa Moonen (2008), o primeiro documento oficial legitimando a política anticigana data o ano de 1544 na província de Gelderland/Holanda, conduta que seria rapidamente seguida pelos diferentes países europeus.

Na Suíça os ciganos já podiam ser caçados legalmente pelo menos desde 1580 e um decreto da cidade de Berna, de 1646, autorizava qualquer pessoa matar ciganos. Na Alemanha (ou melhor, no Santo Império Romano Germânico), entre 1551 e 1774, foram decretadas nada menos do que 133 legislações anticiganas, sendo 68 leis no período de 1701-50, e apenas oito no período 1751-74, quando a “praga cigana”, aparentemente, em boa parte já tinha deixado de existir, ou seja, quando já sobreviviam bem menos ciganos do que antes (p. 20).

Na Espanha, Inglaterra, França, Suíça, Espanha e Portugal, os ciganos também foram perseguidos (Fazito, 2006; Fonseca, 1996). Em Portugal, por exemplo, os primeiros ciganos chegaram por volta do século XV e foram imediatamente submetidos ao regime de controle e punição. Em 1526 foram proibidos de entrar no país e foram instituídas medidas de expulsão em caráter de urgência, política que traria ao Brasil os primeiros ciganos. Apesar da falta de dados oficiais acerca das comunidades ciganas existentes no território brasileiro, registros indicam que os primeiros ciganos teriam chegado ao Brasil por volta de 1574, junto com imigrantes e pessoas expulsas de Portugal (Teixeira, 2000).

Em *Ciganos Nacionais*, Ferrari (2006) desenvolve análise sobre o lugar dos ciganos nas obras literárias do Ocidente. O autor identificou que os ciganos são, comumente, apresentados como os eternos estrangeiros, marcados pelo jogo entre temor e fascínio. No romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, encontram-se descrições sobre os ciganos que ilustram esse imaginário comum entre os não ciganos, e que acompanha as caravanas ciganas por onde quer que cheguem ou passem.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócios, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria (Almeida, [1855] 2008, p. 39).

Atualmente, estima-se que mais de meio milhão de ciganos, dentre cerca de 12 milhões espalhados pelo mundo, estejam vivendo no Brasil, oriundos dos três grandes grupos étnicos: *Rom*, que falam a língua *romani* e são predominantes nos países balcânicos, mas também migraram para países europeus e Américas; os *Sinti*, que falam a língua *sintó* e vivem, principalmente, na Alemanha, Itália e França; e os *Calon*, que falam a língua *caló*, são mais encontrados em Portugal e Espanha, e também América do Sul (Moonen, 2008). Todavia, não há dados oficiais sobre a presença dos ciganos em território nacional, tampouco informações sobre suas condições de vida, necessidades e dinâmica de funcionamento grupal, realidade que pode ratificar a condição marginal e de invisibilidade a que têm sido submetidos. Associada a essa marginalização, que caracteriza a história dos ciganos em diferentes contextos e épocas, a imagem negativa e estereotipada de nômades, errantes, ociosos, praguejantes, trambiqueiros e não confiáveis, apresenta-se como um desafio a ser vencido na contemporaneidade (Alexandre, 2003; Bonomo *et al.*, 2011; Silva, Souza, Oliveira & Magano, 2000).

Ao contrário do que propõem as políticas em favor das comunidades ciganas, nomeadas pela União Europeia como “La Década para la Inclusión de los Gitanos” (Fundación Secretariado Gitano, 2005), o que se observa são fatos que continuam marcando negativamente a história deste grupo. Eventos recentes na Europa registram a perseguição à população cigana, com práticas de banimento, extermínio e violência, bem como tentativas de aculturação. Neste último caso, procura-se inserir essa população não pelo respeito a suas especificidades culturais, mas pela imposição de modos de vida que não são próprios

da sua cultura, com o intuito de minimizar conflitos e incômodos aos cidadãos não ciganos (Magano & Silva, 2000).

Na arena das políticas sociais encontramos um obstáculo desafiador, forjado a partir do paradoxo inclusão/exclusão vinculado ao conceito de identidade, processo já ressaltado por Sawaia (2001). Segundo a autora, tal funcionamento “esconde negociações de sentido, choques de interesse, processos de diferenciação e hierarquização das diferenças, configurando-se como estratégia sutil de regulação das relações de poder, quer como resistência à dominação, quer como seu reforço” (p. 123). Quando as minorias sociais ganham o *status* de “questão”, revela-se o paradoxo de uma estratégia que procura proteger as singularidades das comunidades, grupos e etnias, mas que pode justamente reforçar práticas que negam e excluem a alteridade; ao mesmo tempo em que se manifesta a dialética de um processo próprio do ordenamento e organização da estrutura social.

Estudos já realizados no Estado do Espírito Santo, território em que foi desenvolvida a presente pesquisa, informam que negligência, indiferença e práticas discriminatórias caracterizam a relação entre as instâncias político-administrativas locais e as comunidades ciganas da região, que não têm acesso a recursos basilares à sua sobrevivência e bem-estar (Bonomo, Souza, Brasil, Livramento & Canal, 2010). Relacionada a essa condição excludente, a força do imaginário social repleto de misticismo e de estereótipos negativos associados aos ciganos (Bonomo, *et. al.*, 2011; Bonomo, Trindade, Souza & Coutinho, 2008) contribui para a construção da imagem dos ciganos à margem das sociabilidades reconhecidas como legítimas. Ocupando a condição paradoxal de “grupo-questão”, impõe-se, frente a esse contexto das comunidades ciganas, a demanda de políticas de identidade baseadas em estratégias que atuem como mediadoras da especificidade cultural do grupo face à organização da sociedade em seu funcionamento mais hegemônico, o que sugere que as políticas pró-ciganas deverão também incorporar um eixo estratégico visando à investigação do imaginário social não cigano a fim de promover a sensibilização dos órgãos públicos e da sociedade civil acerca de suas próprias práticas e representações sociais, colaboração que esperamos oferecer através do presente estudo.

Considerando tais apontamentos, questiona-se “até que ponto é que a exclusão social corresponde apenas e só a uma acção deliberada de uma hegemonia contra uma minoria? Em que medida é que a etnicidade é colectivamente percebida e aceita consensualmente como homogênea?” (Blanes, 2007, p. 363). Em outras palavras, como o campo representacional acerca dos ciganos foi, e ainda é, construído de forma a estigmatizá-los? Esta foi a questão que nos orientou no desenvolvimento do presente estudo.

A reflexão sobre as questões apontadas apoia-se na Teoria das Representações Sociais. De acordo com Sá (1993), criamos representações sociais para manter a organização das relações sociais, bem como da própria realidade social, a fim de transformar *algo não familiar em familiar* (Moscovici, 2005). As representações são elaboradas a partir da necessidade de sabermos sobre o mundo à nossa volta, sobre como devemos nos comportar diante dele e sobre como identificar e resolver os problemas que se apresentam no cotidiano.

Como fenômenos complexos, produto e processo da tessitura social, conforme destaca Jodelet (2001), as representações são formadas através de elementos informativos, cognitivos, normativos, ideológicos, crenças e imagens. Por meio desse processo de significação, os indivíduos ou grupos sociais reconstróem a realidade, atribuindo aos

diferentes objetos sociais um sentido mais específico, socialmente relevante e compartilhado, a partir dos processos sócio-cognitivos da ancoragem e da objetivação. Enquanto o primeiro ancora as ideias incomuns em sistemas de informação e categorias já conhecidos, o segundo transforma a ideia amorfa e abstrata em imagem concreta, tornando possível aos indivíduos e grupos sociais se relacionarem com o mundo (Cerrato & Villarreal, 2007; Palmonari, Cavazza & Rubini, 2002).

Quanto à dimensão social na construção das representações sociais (Cabecinhas, 2004; Vala, 1997), apresentam-se os processos de dispersão da informação, focalização e pressão à inferência. Essa dinâmica regula o funcionamento e a emergência das representações através das relações sociais, que têm por função contribuir na percepção que um grupo tem acerca de si mesmo e dos grupos com os quais se relaciona (função identitária), bem como justificar e orientar determinadas práticas sociais (funções justificadora e orientadora) (Abric, 2003). Os objetos sociais são ressignificados pelos grupos a partir do contexto social mais geral no qual se inserem e das relações intergrupais que, como nos lembra Breakwell (1993), atuam sobre os sistemas de representações elaborando-os e colocando-os em movimento.

Como uma das abordagens da chamada *grande teoria* (Sá, 1998), a perspectiva não consensual das representações sociais (Doise, 1992, 2002a, 2002b) fundamenta-se na investigação dos princípios sobre os quais os elementos se diferenciam, a tomada de posição do sujeito da representação frente ao objeto representado (Rateau, 2004).

Para Doise (2002a, 2002b), o estudo das representações sociais deve se situar não apenas em relação ao *conteúdo* das representações, mas também sobre os *princípios* que as organizam, visando a analisar como as representações se dão “em relação aos sistemas cognitivos complexos do indivíduo com os metassistemas de relações simbólicas que caracterizam uma sociedade” (Doise, 2002a, p. 30), ou seja, analisar as representações como uma produção das relações entre indivíduos e grupos. A diversidade de significados que constituem e sustentam o pensamento social, são, portanto, orquestrados pelos princípios que organizam as diferenças individuais.

Existiria, entre os indivíduos de um mesmo segmento social ou grupo, um campo comum de compartilhamento de crenças e pensamentos construídos no interior das relações de comunicação, mas os indivíduos se diferenciam quanto ao seu posicionamento frente aos diversos objetos sociais, bem como no que se refere à valoração que eles atribuem a essas representações (Clémence, 2003). De acordo com Doise (2002a), “essas variações nas tomadas de posição individuais são organizadas de uma maneira sistemática” e cabe à Teoria das Representações Sociais “explicar como e porquê os indivíduos diferenciam entre si nas relações que eles mantêm com essas representações” (p. 30).

De acordo com Pereira, Torres e Almeida (2003), o estudo das representações sociais, a partir dessa abordagem, baseia-se em três fases de análise (Doise, 1992; Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1995): (a) campo representacional; (b) princípios organizadores; e (c) processos de ancoragem. Os princípios organizadores atuam no processo de ancoragem e explicariam a variabilidade de posicionamentos individuais no campo representacional. Para Doise (1992), existiriam três diferentes tipos de ancoragem: a *psicológica*, com base nas atitudes e valores individuais; a *sociológica*, orientada pela pertença dos indivíduos a diferentes categorias sociais; e a *psicossocial*, “apoiada na percepção das relações sociais e

nas inserções assimétricas na sociedade” (Trindade, Santos & Almeida, 2011, p. 113), dimensão que foi focalizada neste estudo por meio da análise da ancoragem da representação do objeto ‘ciganos’ a partir do campo afetivo a ela associado (Rimé, 2008).

Diante de tais considerações, referenciado pelo aporte teórico-conceitual das representações sociais, este estudo tem como proposição principal investigar como se articulam a dimensão afetiva e o campo representacional a partir da tomada de posição de indivíduos não ciganos frente ao objeto social ‘ciganos’. Os seguintes objetivos orientaram o desenvolvimento do estudo: (1) conhecer o campo semântico associado ao objeto de representação social ‘ciganos’; (2) identificar os princípios organizadores das tomadas de posição individuais em relação ao conteúdo compartilhado; e (c) investigar o processo de ancoragem através da análise da dimensão afetiva vinculada ao objeto de representação abordado.

Método

Tendo em vista os objetivos que nortearam a investigação proposta, a pesquisa foi desenvolvida por meio de duas etapas complementares. Um primeiro estudo foi realizado com o objetivo de investigar as representações sociais de universitários da Grande Vitória/ES a respeito do grupo étnico cigano e, posteriormente, um segundo estudo foi conduzido com o intuito de explorar a dimensão afetiva vinculada a essas representações.

Estudo 1 - Representações sociais e dinâmica afetiva associadas aos ciganos

Participantes

Participaram do estudo 108 estudantes universitários da Grande Vitória/ES, de instituições de ensino públicas e privadas, de diferentes áreas de conhecimento (Ciências Humanas, Naturais, Sociais, Exatas e da Saúde). As idades variaram entre 18 e 35 anos, sendo 65% dos participantes do sexo feminino.

Instrumento e procedimento de coleta dos dados

Com a devida autorização dos coordenadores e professores das Universidades envolvidas na pesquisa, foram aplicados questionários, nas próprias instituições de ensino dos participantes, contendo os seguintes núcleos de informações: dados socioeconômicos (idade, sexo, estado civil, profissão, cidade onde mora, renda aproximada e religião); técnica de evocação livre para o termo indutor ‘ciganos’, junto a questões exploratórias com o objetivo de contextualizar os termos evocados; questões de múltipla escolha visando a conhecer o campo afetivo relacionado ao objeto de representação (lista de 26 sentimentos, 13 valorados negativamente e 13 positivamente, com a indicação de que fossem selecionados em torno de 5 itens); e perguntas sobre experiências de contato com o povo cigano, com vistas à contextualização do campo de estudo.

Procedimento de análise dos dados

O tratamento dos dados obtidos foi realizado por meio do procedimento ASPAR do *software* SPAD-T (Lebart, Morineau, Becue & Haeusler, 1994), análise que possibilitou a identificação de *clusters* de sujeitos em função do conteúdo (campo semântico) mais característico de cada agrupamento, bem como a análise do campo representacional de 'ciganos' por meio da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

Estudo 2 - Análise das representações sociais de ciganos a partir do cluster 'sentimentos positivos'

Participantes e procedimento de coleta dos dados

Os participantes desta segunda etapa de investigação foram identificados a partir da análise de *cluster* aplicada ao conjunto de dados concernente à dimensão afetiva do Estudo 1. Dentre os 18 sujeitos que constituíram o *cluster* 'sentimentos positivos' (identificado no primeiro estudo), participaram desta fase nove indivíduos, com idades entre 18 e 35 anos, todos estudantes universitários da área de Ciências Humanas, sendo seis do sexo feminino.

Todos os potenciais respondentes foram contatados e os nove universitários que se dispuseram a participar da pesquisa foram entrevistados, após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em pesquisas científicas, garantindo seu anonimato e participação voluntária. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, no *campus* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), tendo sido gravadas e posteriormente transcritas para tratamento das informações obtidas.

Instrumento e procedimento de análise dos dados

O roteiro semiestruturado de entrevista era composto por questões exploratórias com o intuito de identificar o que os sujeitos sabiam sobre o objeto 'ciganos' (o que haviam visto, lido ou ouvido falar), como se sentiam em relação a esse grupo étnico e as representações associadas ao 'ser cigano', além de questões que visavam a conhecer as experiências de contato dos participantes com os ciganos e/ou como imaginavam que seria o contato com membros desse grupo.

O material obtido foi processado por meio do *software* ALCESTE, desenvolvido por Reinert (1990). Através do recurso analítico da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), foram identificadas as classes que organizam conjuntos de significados em torno dos objetos salientes às narrativas dos participantes, os elementos mais característicos de cada classe e a relação existente entre elas, resultado que é apresentado através de um dendrograma (Camargo, 2005).

Resultados e discussão

A seguir, são apresentados os dois estudos, que se complementaram na tarefa de conhecer e analisar as representações sociais de ciganos entre não ciganos. Sobre a dinâmica de construção dos significados que configuram o objeto social em questão, é

importante informar que a maioria dos participantes (62%) mencionou ter tido apenas contato visual com membros do grupo cigano (presencialmente ou por meio de diferentes mídias), 35% já conversaram com ciganos (geralmente, em situações em que foram abordados na rua para leitura de mão) e 3% relataram que nunca tiveram qualquer tipo de contato com ciganos, o que sugere níveis de contato superficiais com o objeto de representação.

Estudo 1 – Representações sociais e dinâmica afetiva associadas aos ciganos

O conjunto de dados referente às representações sociais de ciganos foi composto por 500 palavras ou expressões, com média de evocação de 4.6, tendo sido identificados 71 elementos diferentes. Do *corpus* total registrado, 23 categorias distintas de termos evocados (frequência ≥ 06) foram destacadas pela análise realizada pelo *software* SPAD-T (ver Tabela 1).

Tabela 1 - Campo representacional referente ao termo indutor 'ciganos' (frequência absoluta dos termos evocados)

Termo evocado	Frequência	Termo evocado	Frequência
Nômades	76	Marginalizados	09
Vestimentas/adereços	41	Família	08
Cultura	34	Diferentes	07
Misticismo	30	Negociam	07
Leitura de mão/praguejantes	24	Pedintes	07
Enganam	23	Alegria	06
Ouro (joias e dentes)	18	Fechados	06
Acampamento	17	Incomodam	06
Sujos	16	Liberdade	06
Dança/música	16	Preguiçosos	06
Posses/dinheiro	13	Sem emprego fixo	06
Barracas	12		

Nota: Lista de 23 elementos mais frequentes ($f \geq 06$)

Os elementos de representação mais frequentes, relativos ao termo indutor 'ciganos', retratam o grupo a partir de diferentes núcleos de significados. Associam-se aos ciganos as imagens de: (a) errantes (nômades, acampamento, barracas, liberdade e sem emprego fixo); (b) etnocêntricos, um grupo fechado e voltado para a instituição familiar; (c) exóticos, com seus trajes típicos, coloridos e repletos de adereços, e com dentes de ouro; (d) místicos, capazes de adivinhar a sorte das pessoas e de rogar pragas; (e) alegres, músicos e dançarinos; (f) ambiciosos (negociantes, cheios de bens materiais e de dinheiro); (g) pobres e marginalizados, dependentes da solidariedade dos outros (pedintes); (h) diferentes, pertencentes a outra cultura; e (i) enganadores, sujos, preguiçosos e que incomodam os não ciganos.

A análise desse subconjunto amostral permitiu a identificação de três grupos de sujeitos com distintas representações sociais sobre os ciganos: descritivas (*cluster* 1) e avaliativas, valoradas positivamente (*cluster* 2) e negativamente (*cluster* 3) (Ver Tabela 2).

Tabela 2 - Composição de cluster, com a indicação das categorias mais frequentes e menos frequentes associadas ao termo indutor ‘ciganos’

Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3	
RS – Descritivas		RS – Avaliativas (+)		RS – Avaliativas (-)	
(60 sujeitos)		(40 sujeitos)		(08 sujeitos)	
Categorias de elementos mais frequentes	Categorias de elementos menos frequentes	Categorias de elementos mais frequentes	Categorias de elementos menos frequentes	Categorias de elementos mais frequentes	Categorias de elementos menos frequentes
Ouro	Liberdade	Cultura	Sujos	Preguiçosos	
Pedintes	Preguiçosos	Diferentes	Leitura de	Enganam	
Leitura de	Fechados	Marginalizados	mão/praguejantes		
mão/praguejantes	Marginalizados	Liberdade			
	Diferentes				
	Cultura				

Nota: Listagem das categorias significativamente mais frequentes e menos frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$

O *cluster 1* (RS descritivas) (n=60) concentra significados relativos aos aspectos mais estereotipados da representação social de ciganos, difundidos no pensamento social não cigano. A prática da quiromancia, os adereços e dentes de ouro, bem como a imagem de pedintes, são elementos destacados pelos indivíduos desse grupo que reproduzem a representação hegemônica do ‘ser cigano’. O *cluster 2* [RS avaliativas (+)] (n=40), por sua vez, é formado por indivíduos cujas categorias de sentido retratam os ciganos como um povo livre, mas excluído e marginalizado, marcados por uma cultura própria que os diferencia das sociabilidades hegemônicas. Conjugado ao posicionamento avaliativo encontrado no *cluster 2* (RS), mas com polaridade oposta, no *cluster 3* [RS avaliativas (-)] (n=08), são projetados os elementos que evidenciam a atribuição de valoração negativa ao ‘ser cigano’, sendo representados como ‘preguiçosos’ e ‘enganadores’.

O campo representacional compartilhado quando analisado junto à dimensão afetiva permite compreender a força do imaginário social na construção dos objetos sociais (Rimé, 2008). Dos 26 sentimentos listados no questionário, 20 foram associados ao grupo cigano (igualmente distribuídos no que se refere à sua polaridade – positivo/negativo). Os sentimentos que apresentaram frequência igual ou superior a 5 estão projetados na Tabela 3.

Tabela 3 - Sentimentos associados ao objeto de representação ‘ciganos’ (frequência absoluta dos elementos associados)

Sentimento	Frequência	Sentimento	Frequência
Curiosidade (+)	84	Tranquilidade (+)	18
Desconfiança (-)	66	Nojo (-)	17
Insegurança (-)	66	Simpatia (+)	16
Respeito (+)	60	Aversão (-)	15
Indiferença (-)	33	Tristeza (-)	13
Solidariedade (+)	28	Empatia (+)	10
Admiração (+)	25	Alegria (+)	09
Encantamento (+)	24	Afeição (+)	08
Medo (-)	23	Antipatia (-)	08
Mal-estar (-)	20	Desprezo (-)	05

Nota: Lista de 20 elementos mais frequentes (f ≥ 05)

A fim de analisar as posições individuais dos participantes em relação à dinâmica afetiva associada ao objeto de representação 'ciganos', procedeu-se a identificação de grupos de sujeitos em função do conteúdo mais característico por eles apresentado. A análise do *corpus* de dados relativo aos sentimentos resultou em três agrupamentos de sujeitos (*clusters*) a partir da similaridade do campo afetivo associado, conforme dados projetados na Tabela 4.

Tabela 4 - Composição dos clusters, com a indicação dos sentimentos mais e menos frequentes associados aos ciganos

Cluster 1 Ambíguos (63 sujeitos)		Cluster 2 Positivos (18 sujeitos)		Cluster 3 Negativos (27 sujeitos)	
Categorias de elementos mais frequentes	Categorias de elementos menos frequentes	Categorias de elementos mais frequentes	Categorias de elementos menos frequentes	Categorias de elementos mais frequentes	Categorias de elementos menos frequentes
Indiferença (-)	Mal-estar (-)	Tranquilidade (+)	Desconfiança (-)	Mal-estar (-)	Admiração (+)
Curiosidade (+)	Aversão (-)	Afeição (+)	Insegurança (-)	Aversão (-)	Encantamento (+)
Solidariedade (+)	Antipatia (-)	Admiração (+)	Medo (-)	Antipatia (-)	Curiosidade (+)
Alegria (+)	Afeição (+)	Empatia (+)	Indiferença (-)	Medo (-)	Tranquilidade (+)
Respeito (+)	Desprezo (-)	Simpatia (+)	Mal-estar (-)	Desprezo (-)	Respeito (+)
Encantamento (+)	Medo (-)	Encantamento (+)	Nojo (-)	Nojo (-)	Simpatia (+)
Desconfiança (-)	Tranquilidade (+)	Respeito (+)	Aversão (-)	Insegurança (-)	Solidariedade
Insegurança (-)	Empatia (+)	Curiosidade (+)	Tristeza (-)	Desconfiança (-)	Empatia (+)
	Simpatia (+)		Antipatia (-)	Tristeza (-)	Alegria (+)
	Admiração (+)		Desprezo (-)		Afeição (+)

Nota: Listagem das categorias significativamente mais frequentes e menos frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$

O primeiro *cluster* é composto por 63 sujeitos que apresentaram tanto sentimentos positivos ('curiosidade', 'solidariedade', 'alegria', 'respeito' e 'encantamento') quanto negativos ('indiferença', 'desconfiança' e 'insegurança') associados ao objeto 'ciganos'. Em função do conteúdo característico (sentimentos positivos e negativos), foram denominados de *cluster 1* 'ambíguos'. No segundo *cluster*, com 18 sujeitos, foram expressos com maior frequência os sentimentos 'tranquilidade', 'afeição', 'admiração', 'empatia' e 'simpatia' (*cluster 2* 'sentimentos positivos') e, por fim, no terceiro *cluster*, constituído por 27 sujeitos, os sentimentos mais mencionados foram 'mal-estar', 'aversão', 'antipatia', 'medo', 'desprezo' e 'nojo' (*cluster 3* 'sentimentos negativos').

Projetando os *clusters* identificados no plano fatorial composto pelas evocações associadas aos 'ciganos', pode-se analisar como os indivíduos se posicionam em relação a esse campo representacional (Ver Figura 1).

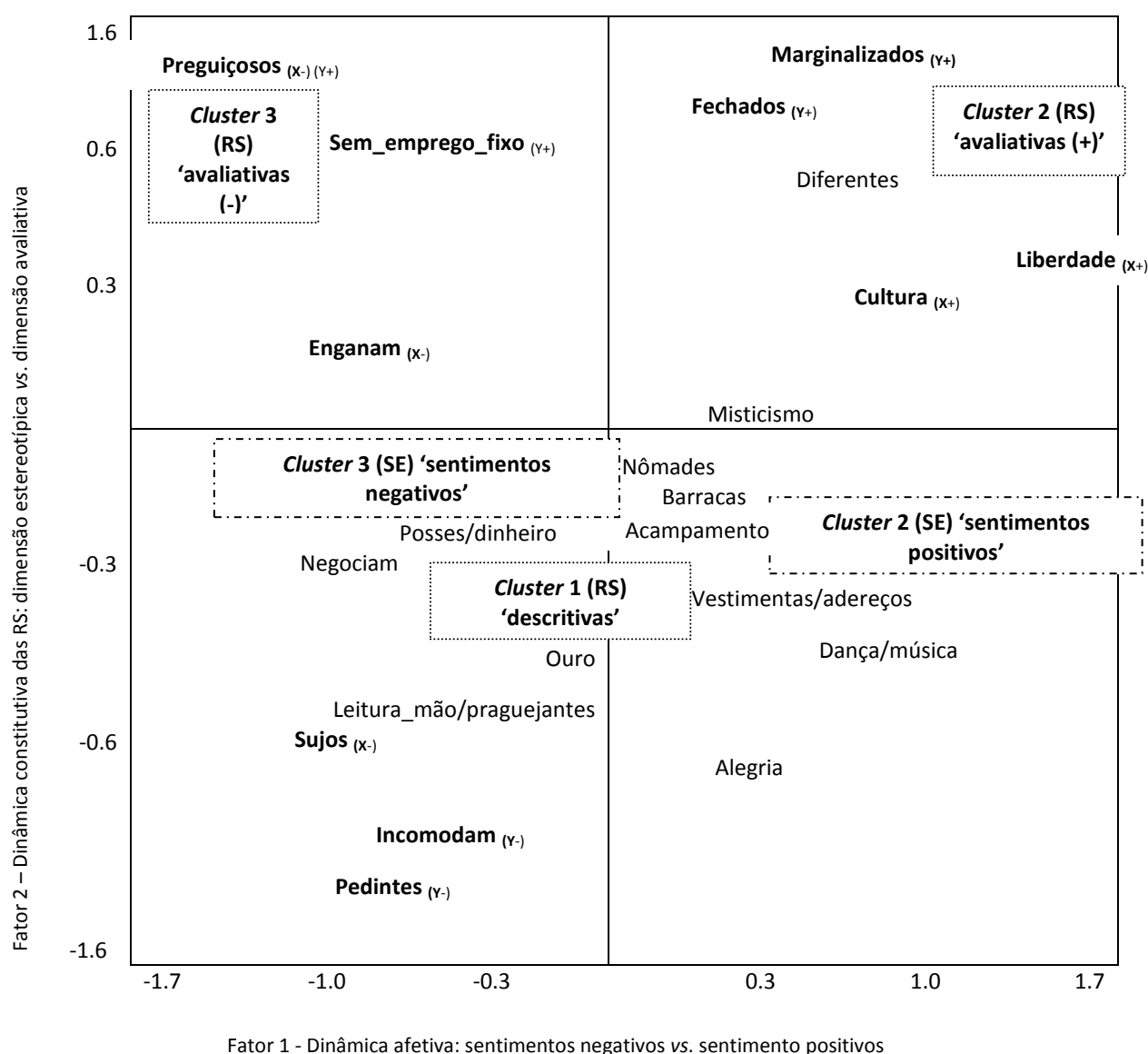


Figura 1 - Análise fatorial de correspondência – plano fatorial referente ao campo representacional para o termo indutor 'ciganos'⁶

Considerando os princípios que organizam os significados do campo representacional de ciganos (Doise, 1992; Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1995), por meio da AFC, identificou-se os seguintes fatores: (F1) 'Dinâmica afetiva' e (F2) 'Dinâmica constitutiva das representações sociais'.

⁶ Nota: (1) A fim de identificar os elementos que contribuíram significativamente à composição dos eixos, assumiu-se c.a. (contributo absoluto) = 100/n, sendo n=20 (número de elementos que constituíram o campo representacional); logo, c.a. ≥ 5.0. Os elementos significativos foram destacados a partir do sinal (x'), (x''), (y') e (y''), de acordo com sua respectiva localização no plano fatorial;

(2) O cluster 'ambíguos' (campo afetivo) não apresentou associação significativa ao campo representacional de 'ciganos', segundo a disposição dos fatores identificados;

(3) Cluster_n (RS) – cluster referente ao campo representacional de ciganos (elementos evocados); e Cluster_n (SE) – cluster relativo ao campo afetivo associado aos ciganos.

O Fator 1, 'Dinâmica afetiva,' evidencia a oposição entre os polos 'sentimentos negativos' (x^-) e 'sentimentos positivos' (x^+). No primeiro polo, projetam-se, de maneira significativa, adjetivações negativamente valoradas, tais como 'preguiçosos' (c.a.=31.9), 'enganam' (c.a.=10.9) e 'sujos' (c.a.=9.3). Contrapondo-se a esse conjunto de significados, no polo 'sentimentos positivos', destacam-se termos que retratam os ciganos a partir dos elementos 'cultura' (c.a.=13.6) e 'liberdade' (c.a.=8.2), que, associados aos demais elementos desse polo, sugerem a construção de uma imagem positiva dos ciganos. O posicionamento do *cluster* 3 (SE) 'sentimentos negativos' (V-test=-6.0) e do *cluster* 3 (RS) 'avaliativas (-)' (V-test=-7.3) no primeiro polo ('sentimentos negativos'), e do *cluster* 2 (SE) 'sentimentos positivos' (V-test=3.5) e do *cluster* 2 (RS) 'avaliativas (+)' (V-test=5.8) no segundo polo ('sentimentos positivos') confirma a análise sobre os resultados encontrados.

Formado pelos polos opostos 'Dimensão estereotípica' (y^-) e 'Dimensão avaliativa' (y^+), o Fator 2, 'Dinâmica constitutiva das representações sociais', concentra informações sobre a natureza do conteúdo que compõe o campo representacional. Na 'Dimensão estereotípica', associada ao *cluster* 1 (RS) 'descritivas' (V-test=-6.3), aparecem expressões que descrevem os ciganos a partir do contato com não ciganos ['pedintes' (c.a.=8.6) e 'incomodam' (c.a.=5.1)], além de elementos que fazem referência aos trajes típicos, ao nomadismo e à quiromancia, bem como à dança e à música, compondo a imagem dos ciganos como povo alegre. Na 'Dimensão valorativa', por sua vez, estão presentes termos como 'preguiçosos' (c.a.=23.3), 'fechados' (c.a.=7.7) e 'sem emprego fixo' (c.a.=5.0), mais orientados pela posição avaliativa que compara os modos de vida cigano e não cigano. O elemento 'marginalizados' (c.a.=17.7) destaca o processo de exclusão a que têm sido submetidos e a condição de pobreza em que se encontra grande parte dos grupos ciganos. Em consonância com a dinâmica de composição dos significados concernentes ao campo representacional, os *clusters* (RS) 2 'avaliativas (+)' (V-test=4.8) e 3 'avaliativas (-)' (V-test=4.9) encontram-se vinculados a este último polo ('Dimensão avaliativa').

Tendo em vista os resultados obtidos nessa primeira etapa, que versou sobre a modulação do campo representacional e afetivo vinculado aos ciganos, optou-se por investigar, mais detalhadamente, a tomada de posição dos sujeitos da representação que constituem o *cluster* 2 (SE) 'sentimentos positivos'. Considerando que o grupo de referência para o desenvolvimento do segundo estudo baseou-se no recorte 'polaridade positiva da dimensão afetiva', é importante informar que os 18 indivíduos que compõem o referido *cluster* encontram-se igualmente distribuídos entre os *clusters* 1 (RS 'descritivas') e 2 [RS 'avaliativas' (+)] do campo representacional, o que sugere que os membros deste agrupamento *não* tenderam a representar os ciganos a partir de significados negativamente valorados.

Estudo 2 - Análise das representações sociais de ciganos a partir do cluster 'sentimentos positivos'

Considerando a elaboração hegemônica dos significados que organizam a construção do objeto 'ciganos' no pensamento social, marcadamente sustentados por elementos negativamente valorados, assumiu-se como questão complementar conhecer a dinâmica de constituição das representações sociais de ciganos para os indivíduos que se posicionaram de maneira positiva frente ao campo representacional em questão. A análise dos dados do

cluster ‘sentimentos positivos’ foi o ponto de partida para o desenvolvimento desse segundo estudo.

Os resultados da análise das narrativas dos participantes são apresentados a partir do dendrograma gerado pelo Programa ALCESTE (Figura 2). Das nove entrevistas (UCI), o *software* analisou 75% do banco de dados, com seleção de 134 fragmentos de texto (UCE), o que pode ser considerado um bom aproveitamento do *corpus* analisado.

O dendrograma apresenta uma divisão em dois eixos distintos, um eixo com duas classes e outro com apenas uma. Cada classe é composta por um conjunto de 10 palavras, selecionadas a partir do maior qui-quadrado. No primeiro eixo, observa-se forte ligação ($R=0,6$) entre as Classes 1 e 2, que referem-se aos significados associados ao objeto de representação ‘ciganos’. Já a Classe 3, no segundo eixo, está relacionada à experiência de contato com os ciganos.

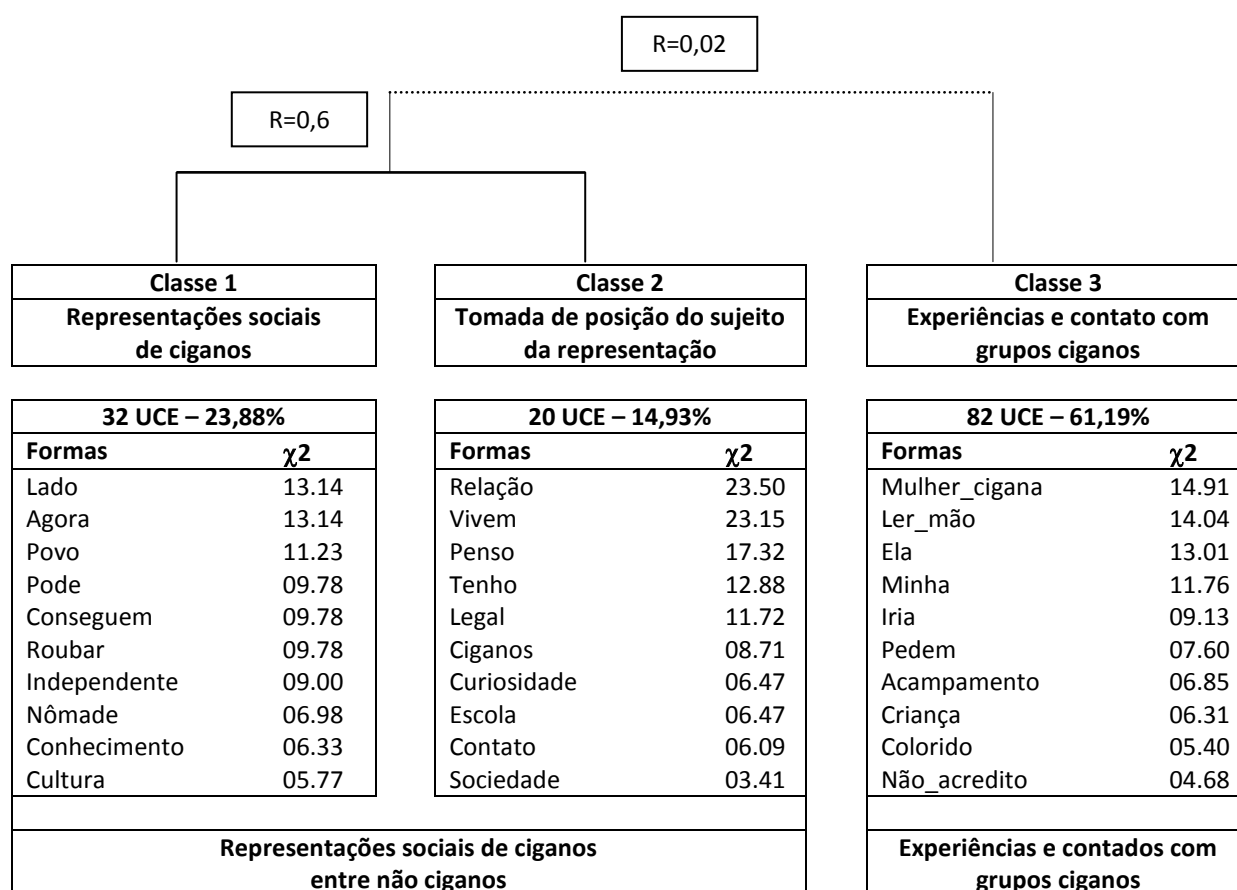


Figura 2 - Classificação Hierárquica Descendente – Dendrograma das Classes estáveis (Cluster ‘sentimentos positivos’)

Enquanto na Classe 1 concentram-se elementos que sugerem o compartilhamento do discurso consensual sobre os ciganos, na Classe 2 pode-se notar a tomada de posição do sujeito da representação em relação ao campo representacional associado ao objeto.

Caracterizados como livres e errantes, um *povo* com uma *cultura* diferente, os ciganos despertam curiosidade e encantamento nos participantes. Em função do *nomadismo*, o grupo teria a oportunidade de vivenciar diferentes experiências e de conhecer lugares e culturas variados, condição que os dotaria de um amplo *conhecimento* sobre

peças, territórios e situações diversas. Os fragmentos de narrativas referentes à Classe 1 são ilustrativos.

*...porque mesmo que eles sejam um **povo** diferente, que eles tenham uma **cultura** diferente, por essa questão do **conhecimento**, por eles estarem em vários lugares, serem mais comunicativos; sinto curiosidade pela questão dos ciganos serem **nômades**, trazem um grande **conhecimento** de outras **culturas** e lugares diferentes.*

Como face contrária a essa imagem mais positiva dos ciganos, um conjunto de elementos comumente a eles associado é o de serem trapaceiros, persuasivos e ladrões, estereótipos que contribuem para o fortalecimento da distância entre ciganos e não ciganos. As palavras *roubar* e *conseguem*, destacadas pela CHD, aparecem nas UCEs em contextos como:

*...tem até um termo: coloca na mão do cigano pra receber porque eles vão lá e cobram, cobram até **conseguir** o dinheiro; muitas pessoas mostram pra gente que ciganos vão te **roubar**, que sempre estão querendo te levar pra um lado que eles **conseguem** te persuadir pra poder estar te **roubando**, te furtando de algum modo; as pessoas falam pra gente não chegar tão perto, não conversar quando um cigano vem te abordar - ah deixa pra lá que ele vai te **roubar** ou coisa parecida.*

A dinâmica de repensar o discurso hegemônico reproduzido, de relativização das características negativas relacionadas aos ciganos, pode ser acompanhada no arranjo relativo aos elementos *lado*, *agora*, *pode* e *independente*, dinâmica que fica mais evidente na Classe 2.

*...**agora** pensando por outro **lado**, **independente** da forma que eles conseguem receber a dívida, é uma forma deles serem incisivos; isso **pode** ser cultural deles também. **Pode** ser um lance de, pensando bem **agora**, **pode** ser um jeito deles próprios.*

Na Classe 2 encontram-se significados que sugerem a tomada de posição do sujeito da representação frente aos significados hegemônicos difundidos sobre os ciganos.

*...já ouvi falar de malandragem de **ciganos**, que **ciganos** vende cavalo velho como se fosse novo, pinta de graxa pra vender, essas coisas assim; de que pega criança pra vender. Eu **penso** que é por as pessoas não terem esse **contato** direto com os **ciganos**; mas eu não tenho um conceito formado: eles são isso. Eu **penso** que eles têm uma cultura muito forte”.*

Sobre a dinâmica evidenciada, é necessário destacar que o posicionamento dos respondentes não decorre de experiência direta com ciganos, posto que todos os participantes relataram nunca terem interagido com membros dessa etnia.

*...ouvi coisas sobre os **ciganos**, mas nada muito; eu mesmo não tenho muito **contato** e conhecimento sobre eles.*

Diante do desconhecimento, os participantes manifestam *curiosidade* em conhecer detalhes da organização grupal, saber como *vivem*, se vão à *escola*, como são seus costumes e hábitos cotidianos. A comparação social torna-se evidente na Classe 2, quando os entrevistados tratam da *relação* entre os *ciganos* e a *sociedade* não cigana, conforme UCE a seguir:

*...mesmo eu não tendo tido nenhum **contato** com **ciganos**, a forma de como eu observo o comportamento deles em comparação com o comportamento da **sociedade** que tem um lugar certo, uma casa, e que mora lá enquanto der, que não é como na cultura cigana; **Tenho** incômodo em relação a não identificação dos ciganos com um lugar, necessidade que eu **tenho**.*

Por fim, a expressão *legal* apresenta-se associada a significados que demandam a reflexão sobre a posição dos sujeitos do *cluster* ‘sentimentos positivos’ em relação ao objeto de representação social ‘ciganos’.

...eu acho **legal**, acho interessante, mas não tenho um sentimento, um apreço diferente por eles; eu não vejo nada diferente, eu acho **legal**, uma cultura diferente, mas é o mesmo que eu **penso** dos índios, dos orientais, todo mundo que é diferente de mim, mas nada específico, nada em especial.

Tendo em vista o campo semântico relacionado, questiona-se se os participantes, que, a princípio, apresentaram dimensão afetiva positivamente valorada em relação aos ciganos (Estudo 1), de fato ressignificaram as representações hegemônicas (geralmente, apoiadas em significados negativamente valorados) acerca do objeto cigano lhes associando a sentimentos e a significados positivos, ou se o conteúdo identificado é orientado pelo que seria considerado politicamente correto, ou mais próximo de um discurso compartilhado pela área das Ciências Humanas [área de vinculação acadêmica dos entrevistados do Estudo 2]. Os dados apresentados na Classe 3 fornecem elementos que contribuem para essa discussão.

A Classe 3, no segundo eixo, focaliza a experiência de contato *imaginado* com membros de grupos ciganos, conteúdo provocado a partir de duas situações propostas no momento da entrevista (a. *imaginar* que está indo a um acampamento cigano; e b. *imaginar* ciganos indo até a casa do próprio participante). Em ambas as situações, descrições semelhantes sobre as imagens construídas pelos respondentes eram narradas: (a) no *acampamento* havia muitas *crianças* e as *mulheres ciganas* vestiam saíões e usavam muitos adereços, tudo muito *colorido*. E, sempre pediam para *ler a mão* e ver o futuro; (b) também eram sempre *elas* (as ciganas), com suas crianças, as escolhidas como representantes do grupo cigano para a segunda situação proposta. Scholz (2007) argumenta que questões de gênero também estão ligadas ao preconceito e racismo relacionados aos ciganos. “Seja como for, é nítido que o anticiganismo repousa sobre critérios sexistas. Na gestão dos estereótipos correntes, a ‘cigana’ representa ‘os ciganos’ na generalidade” (Scholz, 2007, p. 5). De acordo com as cenas construídas, as ciganas iam até a casa dos participantes para pedir comida ou informação e oferecer a leitura de mão, atividade que foi enfatizada por todos os respondentes do estudo.

As expressões *mulher cigana*, *ler mão*, *ela*, *minha*, *iria*, *pedem*, *acampamento*, *criança*, *colorido* e *não acredito*, que constituem a Classe 3, estão presentes nas descrições dessas cenas. Nesse contexto, a palavra *ela* faz sempre referência à *cigana* e a palavra *minha* precede as palavras *casa* e *mão*. *Iria* aparece nas falas dos participantes como em “*iria uma mulher cigana com uma criança, com um saíão, joias, pedindo pra ler mão*”. Todos os participantes responderam que iriam a um acampamento cigano, mas nenhum dos participantes iria sozinho.

A matriz de posicionamento generalizante, também identificada na Classe 2 vinculada à palavra ‘legal’, revela-se na situação de contato *imaginado*. Quando, na situação hipotética, as ciganas vão até a casa dos participantes, eles não as convidam a entrar, mas não simplesmente pelo fato de serem ciganas, como justificado nas UCEs:

Eu acho que não deixaria. Não é porque são ciganos, mas na minha casa eu não deixaria ninguém; Se eu tivesse sozinho, talvez não, mas porque eu não tenho o hábito de receber pessoas que eu desconheço na minha casa.

Embora esse dado não tenha sido evidenciado nos resultados de maneira clara, possibilitando uma análise mais consistente, a dimensão mística parece estar presente no estabelecimento da fronteira entre os sujeitos entrevistados e os ciganos. Apesar de *não acreditarem*, todos os participantes enfatizaram que não permitiriam que as ciganas lessem

sua mão, ressaltando essa situação como ponto central da interação imaginada, como um momento de tensão no encontro entre o respondente e a cigana.

Ela vai chegar, vai chamar. Eu vou abrir a porta, vou atender. Não vou convidar pra entrar, mas ela vai pedir para ler minha mão e eu não vou aceitar. Possivelmente, vai me pedir um copo com água, e eu vou pegar, mas eu vou falar que não quero que ela leia a minha mão; então, dali mesmo eu atenderia. Se elas quisessem ler minha mão, eu não deixaria, porque eu não acredito nisso; uma mulher cigana. Ela, com certeza, vai pedir pra ler mão. Eu posso recebê-la, mas eu não vou deixá-la ler minha mão; dou o que ela pedir, mas eu vou falar que não quero que leia a minha mão.

Se não acreditam, por que tanta esquivas? O conteúdo pode estar associado ao medo que as pessoas geralmente sentem em relação aos ciganos. Ainda que não tenham tido contato com ciganos ou que tenham uma concepção mais romantizada acerca desse grupo, parece existir um medo que sutilmente se apresenta, mesmo em situações que envolvam o contato apenas hipotético com os ciganos, o que pode ser resultado das representações difundidas no imaginário social, do cigano como vagabundo, sem lei, ladrão, trapaceiro e rogado de praga (sobre o medo associado às mulheres ciganas, ver: Bonomo *et al.*, 2011; Bonomo, Trindade, Souza & Coutinho, 2008).

Como sistema de interpretação da realidade, conforme ensina Jodelet (2001), as representações orientam as práticas sociais. No contexto em análise, como verificado nos resultados encontrados, essa relação entre práticas e representações pôde ser evidenciada na presença de significados ancorados no pensamento social hegemônico sustentando sentimentos de hostilidade e de aversão, mesmo diante da quase inexistente experiência de contato dos respondentes com membros da etnia cigana. Moscovici (2005) explica que essa dinâmica, marcadamente atuante em sua função ideológica e imperativa quanto às suas pretensões homogeneizantes, responde à necessidade dos indivíduos e dos grupos de criar imagens e discursos a fim de harmonizar conflitos e tensões nas interações sociais segundo o sistema vigente. O que destoa e é diferente da organização social legitimada deverá, portanto, receber a etiqueta simbólica do estranho e do não familiar, materializada nos estereótipos e nas práticas sociais cotidianas.

Tomando em conjunto os resultados relativos ao Estudo 1, observou-se que tanto os elementos que constituem o campo representacional de 'ciganos' quanto os sentimentos a ele associados, denotam a composição de um conjunto de significados a partir de representações hegemônicas sobre o objeto, amplamente difundidas em diferentes contextos e temporalidades (Alexandre, 2003; Fonseca, 1996; Silva, Souza, Oliveira & Magano, 2000). São representações que, principalmente, compartilham uma imagem romantizada sobre os ciganos (de um povo livre e alegre, amantes da dança e da música), despertando *curiosidade* e *encantamento*, bem como significados que os qualificam negativamente, como ladrões, sujos e praguejantes, causando mal-estar, aversão e medo entre os não ciganos (Bonomo, *et al.*, 2011).

Os resultados obtidos através do Estudo 2, por sua vez, permitem discutir a relação entre as representações hegemônicas sobre os ciganos, compartilhadas entre os não ciganos, e a dimensão afetiva apresentada pelos participantes deste estudo. Em acordo com a abordagem não consensual (Doise, 2002a), que considera que as representações acerca de um objeto são compartilhadas por diferentes membros de uma mesma cultura, mas que também há modulações individuais sobre essas representações, observou-se que os sujeitos do *cluster* positivos também apresentam um campo de ambiguidade associado aos ciganos.

Ainda que tenham um posicionamento mais crítico frente ao campo representacional (associados aos *clusters* 1 (RS) 'Descritivas' e 2 (RS) 'Avaliativas-positivas' do Estudo 1), foram evidenciados elementos associados a preconceito e medo nas narrativas analisadas.

Em consonância com Berti, Pivetti e Melotti (2008), cada *cluster* de indivíduos pode indicar a formulação de uma representação específica do objeto, análise que associada ao campo afetivo relacionado, sugere a forte contribuição dessa dimensão à constituição das representações sociais de ciganos.

Como um dos princípios organizadores do campo representacional analisado, a dimensão afetiva (sentimentos negativos vs. sentimentos positivos) foi ancorada nos *clusters* polarizados (sentimentos negativos/avaliativas-negativas vs. sentimentos positivos/avaliativas-positivas), confirmando a força da relação entre os elementos de representações e os sentimentos associados ao objeto (Rimé, 2008). O segundo princípio, por sua vez, informa sobre a dimensão constitutiva das representações sociais de ciganos, que se organizaram a partir de estereótipos que visam à (1) descrição do objeto e (2) elementos que sugerem a tomada de posição avaliativa (negativamente e positivamente valorada) por parte dos sujeitos da representação.

Tendo em vista o caráter exploratório que orientou o desenvolvimento do presente estudo, os resultados possibilitam discutir a função que esse arranjo de significados assume para a população não cigana local. Apesar da presença de inúmeras comunidades ciganas na Grande Vitória/ES, a maioria dos participantes relatou não terem tido contato com membros dessa etnia. A complexidade que envolve a relação entre campo afetivo e representações sociais de ciganos - que apesar de polarizado (sugerindo posicionamentos exclusivos) apresentou-se marcadamente ambíguo (conforme dados do Estudo 2) - pode refletir o desconhecimento da cultura cigana pelo grupo não cigano e as restrições de contato entre indivíduos desses dois universos, além de ratificar a força do pensamento social e das representações hegemônicas nas diferentes esferas das relações sociais.

Finalmente, parece ser importante destacar que as tomadas de posição individuais reforçam a interpretação de que as "pessoas têm uma participação activa na construção das suas representações" (Amaral, 1997, p. 316), perspectiva que permite discutir a possibilidade de ressignificação ou de transformação das representações sociais, especialmente no que se refere à esfera do preconceito e da estigmatização de determinados segmentos e grupos sociais, como no caso dos ciganos.

Considerações finais

Os estudos desenvolvidos tiveram como objetivo conhecer e analisar as representações sociais de ciganos entre grupos não ciganos da região da Grande Vitória/ES, a partir da identificação do campo representacional compartilhado, dos fatores que organizam os elementos que o constitui, bem como da dimensão afetiva associada a essas representações sociais. Assumiu-se como instrumental teórico de referência à análise dos resultados obtidos a abordagem não consensual da Teoria das Representações Sociais (Doise, 1992; Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1995).

Os resultados permitiram discutir que os indivíduos apresentaram variações nas representações sociais acerca do objeto social 'ciganos'. A partir da formação de *clusters*, aplicada junto ao campo semântico compartilhado e à dimensão afetiva associada às

representações sociais de ciganos, foram identificados diferentes conjuntos de significados, que podem se configurar como representações específicas sobre o objeto de estudo (Berti, Pivetti & Melotti, 2008).

Conforme princípios organizadores evidenciados na AFC, o campo representacional apresentou-se constituído por três conjuntos de significados [representações sociais descritivas, representações sociais avaliativas-positivas e representações sociais avaliativas-negativas], coerentemente associados à dimensão afetiva investigada, composta por núcleos de sentimentos caracteristicamente positivos, negativos e ambíguos (positivos/negativos). Foi possível verificar a tendência à elaboração de significados sustentados pela matriz hegemônica de composição das representações sociais de ciganos, processo que pode estar associado ao escasso contato com o objeto da representação no plano de interações que envolvam o exercício da alteridade e de superação do preconceito e da discriminação social. Nas fronteiras do desconhecimento e do não contato, os elementos de representação social se distribuíram entre uma imagem mais romantizada dos ciganos e outra mais negativa, estando associados, nos extremos dessa envergadura, sentimentos que variaram de curiosidade, encantamento e admiração à insegurança, medo e mal-estar.

Os sujeitos do *cluster 2* ‘sentimentos positivos’, mais detalhadamente investigados no segundo estudo, podem constituir uma parcela da população que veem os ciganos de maneira positiva, mas também apresentaram elementos com conotação negativa, possivelmente, vinculados à dimensão mística associada aos ciganos. Neste sentido, é importante destacar que os *clusters* foram denominados *positivos* e *negativos* por interpretação dos pesquisadores em função do conteúdo característico das representações e campo afetivo identificados, mas não é possível afirmar que tal posicionamento seja exclusivo e nem tampouco permanente.

Tendo em vista os resultados encontrados e as reflexões realizadas a partir dos estudos integrados, ressaltamos a relevância de desenvolvimento de estudos que possam avançar na compreensão da dinâmica afetiva associada às representações sociais de ciganos, bem como sua articulação com os sistemas de crenças dos indivíduos como estratégia para analisar a dimensão mística dessas representações sociais. Considerando a escassez de estudos produzidos no Brasil sobre o grupo étnico cigano e o recente debate acerca da necessidade de criação de políticas públicas pró-ciganas em território nacional, entende-se que a valorização dos ciganos como objeto de estudo entre pesquisadores no país poderia contribuir para a desmistificação dessas crenças e resignificação dos estereótipos negativos amplamente difundidos no imaginário social, núcleo de preconceito e de práticas de exclusão contra essa etnia.

Referências

- Abric, J. C. (2003). De l'importance des représentations sociales dans les problèmes de l'exclusion sociale. Em J. C. Abric. *Exclusion sociale, insertion et prévention* (pp. 13-19). Ramonville Saint-Agne: érès.
- Alexandre, J. D. (2003). *Ciganos, Senhores e Galhardós: Um estudo sobre percepções e avaliações intra e intergrupais na infância* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Organizacional). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Portugal.
- Almeida, M. A. (2008). *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Komedi.

- Amaral, V. (1997). Níveis de análise da ancoragem das representações sociais da inteligência e do seu desenvolvimento: Das posições sociais objectivas às identidades sociais. *Análise Psicológica*, 2(15), 305-317.
- Berti, C., Pivetti, M., & Melotti, G. (2008). Dal “public understanding of science” allo “scientific understanding of public”: rappresentazioni sociali del progetto genoma umano. *Psicologia sociale*, 2, 283-306.
- Blanes, R. (2007). Recensões: Nós, os Ciganos e os Outros, Etnicidade e Exclusão Social. *Análise Social*, n. 182, 360-363.
- Bonomo, M., Souza, L., Brasil, J. A., Livramento, A. M., & Canal, F. D. (2010). Gênero e identidade social: um estudo entre grupos ciganos seminômades em território capixaba. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 4, 160-171.
- Bonomo, M., Souza, L., Trindade, Z. A., Canal, F. D., Brasil, J. A., Livramento, A. M., & Patrocínio, A. P. S. M. (2011). Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários. *Universitas psychologica*, 10(3), 745-758.
- Bonomo, M., Trindade, Z. A., Souza, L., & Coutinho, S. M. S. (2008). Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. *Psicologia*, 22(1), 153-181.
- Breakwell, G. M. (1993). Integrating paradigms, methodological implications. Em G. M. Breakwell & D. V. Canter (Eds.). *Empirical Approaches to Social Representations* (pp. 180-201). London: Clarendon Press-Oxford.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125-137.
- Camargo, B. V. (2005). Alceste: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. Em A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações Sociais* (pp. 511-539). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Cerrato, J., & Villarreal, M. (2007). Representaciones sociales: historia, teoría y método. Em J. Cerrato & A. Palmonari (Orgs.). *Representaciones sociales y psicología social: comportamiento, globalización y posmodernidad* (pp. 40-116). Valencia, España: Promolibro.
- Clémence, A. (2003). L'analyse des principes organisateurs des représentations sociales. Em S. Moscovici & F. Buschini (Orgs.). *Les méthodes des sciences humaines* (pp. 393-410). Paris: Puf Fondamental.
- Doise, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, 45, 189-195.
- Doise, W. (2002a). *La forza delle idee – rappresentazioni sociali e diritti umani*. Bologna: Il Mulino.
- Doise, W. (2002b). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 18(1), 27-35.
- Doise, W., Clémence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1995). *Rappresentazioni sociali e analisi dei dati*. Bologna: Il Mulino.
- Fazito, D. (2006). A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 49(2), 689-729.
- Ferrari, F. (2006). Ciganos Nacionais. *Acta Literaria*, n. 32, 79-96.
- Fonseca, I. (1996). Enterrem-me em pé – a longa viagem dos ciganos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fundación Secretariado Gitano. (2005). *Dossier*. Madri: FSG.
- Jodelet, D. (2001). As representações sociais: um domínio em expansão. Em D. Jodelet, *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Lebart, L., Morineau, A., Becue, M., & Haeusler, L. (1994). *SPAD-T - Manuel de l'utilisateur*. Saint-Mondé, France: Cisia - Centre International de statistique et d'informatique appliquées.
- Lermo, J., Román, J., Marrodán, M. D., & Mesa, M. S. (2006). Modelos de distribución de apellidos en la población gitana española. *Antropo*, n. 13, 69-87.
- Magano, O., & Silva, L. F. (2000). *A integração/exclusão social de uma comunidade cigana residente no Porto*. IV Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia. Coimbra, Portugal.
- Moonen, F. (2008). *Anticiganismo Na Europa*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.
- Moonen, F. (2012). *Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.

- Moscovici, S. (2005). *Le rappresentazioni sociali*. Bologna: Il Mulino.
- Moscovici, S. (2009). Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, Brasília, 24(3), 653-678.
- Palmonari, A., Cavazza, N., & Rubini, M. (2002). *Psicologia sociale*. Bologna, Italia: Il Mulino.
- Pereira, C., Torres, A. R. T., & Almeida, S. T. (2003). Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.
- Rateau, P. (2004) Organizing principles and central core of social representations empirical hypothesis. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 56(1), 82-92.
- Reinert, M. (1990). Alceste, une methodologie d'analyse des donnees textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, 26, 24-54.
- Rimé, B. (2008). La dimensione sociale delle emozioni (R. Ferrara, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino. (Original publicado em 2005).
- Sá, C. P. (1993). Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. Em M. J. Spink (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da Psicologia Social* (pp. 19-44). São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Sawaia, B. B. (2001). Identidade – uma ideologia separatista? Em *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 119-127). Petrópolis: Vozes.
- Scholz, R. (2007). Homo Sacer e “Os Ciganos”: O Anticiganismo – Reflexões sobre uma variante essencial e por isso "esquecida" do racismo moderno. *Revista Exit!*, n. 4. Recuperado em 19 junho, 2012, de <http://obeco.planetaclix.pt/roswitha-scholz7.htm>.
- Silva, L. F., Sousa, F., Oliveira, L., & Magano, O. (2000). A Comunidade Cigana e o Etnocentrismo da Instituição Médica de Saúde Comunitária. Em *IV Congresso Português de Sociologia*. Coimbra: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Teixeira, R. C. (2000). *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.
- Trindade, Z. A., Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. Em Z. A. Trindade, M. F. S. Santos & A. M. O. Almeida (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais 50 anos* (pp. 101-121). Brasília: Thechnopolitik.
- Vala, J. (1997). Representações sociais e percepções intergrupais. *Análise Social*, 32(140), 7-29.

Apresentação: 01/10/2012
Aprovação: 09/12/2012